



Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG

Artigo disponível em
<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

O POPULAR E O LETRADO: UM AMOR DIFÍCIL

MATOS, Cláudia Neiva de. *A poesia popular na República das Letras: Sílvia Romero folclorista*.

Rio de Janeiro: FUNARTE; Editora UFRJ, 1994. 208 p.

No intrincado código das afinidades afetivas, certamente há aquelas marcadas por grandes obstáculos: os amores difíceis. Destes, um importante autor contemporâneo, Italo Calvino, procurou fazer um mapeamento. São amores difíceis, é verdade, mas não impossíveis. Por essa metáfora dos afetos, é possível pensar-se a difícil relação entre a poesia popular e o intelectual letrado no âmbito de uma República das Letras. É dessa relação penosa que se ocupa Cláudia Neiva de Matos em *A poesia popular na República das Letras: Sílvia Romero folclorista*.

O trabalho de Cláudia vai mostrar as ambigüidades dos gestos amorosos do homem letrado, do acadêmico, que elege seus objetos de estima para, estranhamente, mantê-los a distância, cobri-los com o manto da fria indiferença. E tudo isso ao mesmo tempo em que encarece a importância deles. É o que ocorre com o Sílvia Romero folclorista, cujo pensamento será objeto de uma lúcida abordagem por parte da ensaísta. Com acuidade, ela vai desvelando os impasses e as ambigüidades do pensamento do crítico sergipano em relação à arte popular. Talvez o que mais tenha enfatizado, à época, a importância de se conhecer a cultura popular brasileira, como forma de se afirmar nossa identidade nacional. E, no entanto, teimou em não reconhecer na nossa poesia popular um caráter artístico, de elaboração cultural e humana, confinando-a aos domínios do natural e espontâneo.

Como estratégia para se aproximar do Sívio Romero folclorista, Cláudia procurou conferir ao seu texto um tom de biografia. Mas de uma biografia intelectual, aliando-o obviamente ao propósito analítico, visto que seu trabalho é uma monografia acadêmica. E nisso percebe-se a dimensão interdisciplinar do seu trabalho, em cuja elaboração não dispensou a contribuição de uma história das mentalidades, da antropologia, da filosofia, da sociologia, a par dos conceitos oriundos da teoria e crítica literárias. A biografia que vai cunhando, entretanto, não é tanto a de uma individualidade intelectual, mas, isto sim, a de uma topografia mental coletiva — o pensamento ilustrado brasileiro na segunda metade do século XIX. O que ela faz aliando também a perspectiva comparatista à interdisciplinar. Com efeito, ao levantar as teses e pressupostos do pensamento folclorista de Sívio Romero, não deixa de o contrapor ao de outros escritores, pensadores e críticos da época, a exemplo de José de Alencar, José Veríssimo, Araripe Júnior, Celso de Magalhães.

Mais do que se debruçar sobre a poesia popular e seus produtores, o que Cláudia vai investigar mesmo é o olhar do letrado que apreende o popular. E se justifica, ao dar-se conta de “que o poeta popular só passará a ser visto como sujeito cultural, e não como mero objeto de pesquisa — a minha, a de Sívio Romero ou outra qualquer —, se gente como eu e Sívio Romero, todos os que na República das Letras nos debruçamos sobre a poesia popular, também nos tornarmos objeto de pesquisa” (p. 190).

Vê-se que o que Cláudia põe em questão é o trabalho intelectual, o seu próprio fazer acadêmico. Ao refletir sobre o pensamento de Sívio Romero, ela promove uma auto-reflexão que implica e questiona todos aqueles afeitos à atividade intelectual, nas universidades e centros de pesquisa. E o faz assumindo o lugar de enquadramento do seu olhar, sem a fria distância do método científico romeriano, plasmado pelo positivismo do Oitocentos. Daí o olhar ao mesmo tempo

crítico e apaixonado com que Cláudia apreende o seu objeto de estudo, a sensibilidade que marca a sua análise. O deslocamento operado por ela, ao tomar como objeto de investigação o intelectual letrado, resulta extremamente pertinente, pois a instrumentaliza a perceber os gestos equivocados, os pontos de estrangulamento no difícil diálogo entre o popular e o letrado.

Ao longo dos dez capítulos que articulam o seu texto, Cláudia empreende o exame da árdua trajetória de Sívio Romero rumo à academia, saído do Sergipe para se afirmar na Corte letrada. Caracteriza o pesquisador do folclore, enfocando os seus estudos e os colegas de pesquisa na área. Considera a sua crítica à herança romântica, da qual, no entanto, absorve alguns pressupostos, via modelo germânico, como a preocupação com as origens e peculiaridades da alma nacional, a nacionalização da literatura. Examina as noções de povo e autoria presentes no pensamento crítico romeriano, noções problemáticas, que o levarão a negar uma função autoral e artística à poesia popular, relegada ao domínio da pura oralidade.

Com precisão a ensaísta vai traçando as dificuldades da perspectiva crítica de Sívio Romero: o recurso a critérios heterogêneos, embaralhando o racial e o social; o apego ao etnográfico; a deficiência do estético. E, como exemplo, ela recorta categorias como “espírito popular” e “mestiçagem”, conceitos bastante imprecisos e fluidos no pensamento romeriano. Em relação ao critério etnográfico, Cláudia detecta com perspicácia as armadilhas e dilemas em que sucumbe a reflexão teórica de Romero. Se, por um lado, suas afinidades com os folcloristas alemães do período pré-romântico e romântico, além de possibilitar a elaboração de uma noção integradora do espírito da cultura popular capaz de fundamentar o projeto nacionalista, dão a ele sustentação para o repúdio à hegemonia de uma Corte de orientação afrancesada e centralizadora, por outro, a questão racial

proposta pela miscigenação brasileira, em flagrante contraste com a homogeneidade étnica do povo germânico, vai constituir-se num problema para a noção unificadora da nacionalidade pretendida pela reflexão romeriana. Diante do problema, Sílvio Romero é reconduzido à influência do pensamento etnográfico francês e inglês, importando conceitos que sustentam a atividade colonizadora de tais países. Configura-se então, para Cláudia, o dilema etnográfico do pensamento ilustrado brasileiro. Se a definição de nossa identidade nacional comporta uma dupla demanda — construir uma imagem integrada do país e adequar-se aos modelos do mundo civilizado —, isto requer, de um lado, atender as necessidades ideológicas da promoção da nacionalidade, traçadas pelos parâmetros abolicionistas e republicanos de feição modernizante, e, de outro, conformar nossa produção intelectual a critérios científicos europeus de cunho determinista, que nos condenam ao atraso.

Posto o dilema, a saída será a afirmação da diferença como marca registrada da cultura brasileira. O que, segundo a ensaísta, vai exigir da empresa teórica romeriana poderes alquímicos. Com efeito, para a articulação da concepção da diferença brasileira, Sílvio Romero opera dois deslocamentos: do fator meio para o fator raça; do índio para o negro. Uma tal alquimia teórica permite ao nosso folclorista destacar a figura do negro e construir uma teoria da mestiçagem que vai tomar o mestiço como o agente por excelência da transformação social e cultural brasileira. E dar suporte às suas pesquisas sobre a poesia popular.

Todavia, o olhar arguto de Cláudia não deixa escapar mais uma contradição do pensamento de Sílvio Romero. Sua teoria da mestiçagem possibilita o resgate do negro, fazendo dele um pioneiro no reconhecimento e promoção do elemento afro-brasileiro. Mas se o resgata, também o seqüestra, quer por fazer um elogio do cativo, quer por reduzir a idéia da mestiçagem, ao defender que é o

negro que tem de se abrir ao influxo da raça branca superior, quer ainda por ver nos negros o trabalho braçal, não os considerando capazes de produzir cultura a não ser na literatura oral. Por aí é que Romero vai se tornar um dos principais defensores da teoria do embranquecimento entre os nossos intelectuais. Trata-se de um projeto de arianização da população brasileira, submetida a uma eugenia progressiva. Projeto que toma ares de programa político, de estratégia de desenvolvimento nacional, a serviço do qual se coloca a imigração européia. Nessa ideologia do branqueamento, Cláudia indicia o movimento paradoxal que privilegia a diferença para operar o retorno à semelhança. Semelhança traçada no espelho oferecido pelo pensamento europeu.

Com sua reflexão sobre o Sílvio Romero folclorista, Cláudia produz um conhecimento interessado no futuro da pesquisa sobre a cultura popular. Por isso, não deixa de assumir certas posições, ao tratar do caráter dinâmico e intersubjetivo da criação iletrada, das novas abordagens do popular na cultura moderna, que vão problematizar conceitos e métodos dos folcloristas, sobretudo a noção de documento. Após considerar as dificuldades e equívocos presentes na pesquisa sobre a poesia popular e o folclore, ela levanta algumas possibilidades e caminhos. De um lado, propõe o diálogo e as trocas entre as culturas letrada e iletrada, acima da discussão das verdades e essências. Defende também a escrita autoral dos poetas populares, vendo na sua poesia um artefato estético. De outro, repudia tanto a postura autoritária da pureza da poesia popular, quanto a propalada distância entre sujeito e objeto da pregação positivista, que redundam na segregação da cultura popular. Entende ainda que o conceito de poesia popular deve ser apreendido à luz da história, sujeito às mudanças das formas de registro e aos efeitos dos meios de comunicação de massa.

Finda a leitura do texto de Cláudia, fica a curiosidade do leitor aguçada por alguns desdobramentos que a sua reflexão comporta e que foram apenas insinuados. Como

o de se pensar o tratamento da questão do folclore, da poesia popular, por parte dos nossos modernistas. Especialmente por um Mário de Andrade que, na sua pesquisa de um caráter nacional, operará um outro e fundamental deslocamento: do fator étnico para o fator cultural. Mas na obra de Sílvio Romero, deve-se reconhecer, estão antecipadas algumas questões e tarefas, como as da construção da identidade nacional e da pesquisa folclórica, que o modernismo assumirá à luz de outros critérios.

Retomando a metáfora dos amores difíceis, o percurso teórico e analítico empreendido por Cláudia sinaliza para um futuro mais promissor na difícil relação entre o popular e o letrado na nossa República das Letras. Assim procede, ao apontar os dilemas, as ambigüidades e contradições que perpassam o pensamento letrado do século XIX sobre a cultura popular. Impasses e contradições que não procura resolver ou explicar por meio de um discurso aferrado ao totalizante, ao coerente, ao universalismo. Ao contrário, com seu olhar atento à diferença, à descontinuidade, ao particular, Cláudia constrói sua reflexão sobre o Sílvio Romero folclorista à luz da razão, dos afetos e da ética. E o faz com uma escrita ensaística leve e ágil. Dessa forma, deixa ver um Brasil letrado e erudito olhando, a distância e resabiado, um Brasil iletrado e popular. Como dois Brasis que se buscam e se querem. Vivendo um amor difícil, mas não impossível, acreditamos nós.

Reinaldo Martiniano Marques
UFMG



Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG

Artigo disponível em
<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>